

## Resumo Analítico

A economia mundial continua a ser abalada pelo crescente turbilhão da crise financeira e volatilidade dos preços das *commodities*. Nesse contexto, as perspectivas apontam para uma pronunciada desaceleração da economia global, com uma queda das taxas de crescimento para os mais baixos níveis observados desde a recessão de 2001–02. As autoridades do mundo todo vêm respondendo com uma sucessão de medidas corretivas cada vez mais profundas e coordenadas. O cenário central do *World Economic Outlook* prevê o êxito desses esforços para estabilizar as condições financeiras. Contudo, seja qual for o plano de resgate, a restauração do pleno funcionamento dos mercados de crédito levará tempo. Na nossa visão, os Estados Unidos começarão o processo de recuperação econômica no segundo semestre de 2009 de uma forma mais gradativa do que no passado em virtude da excepcionalidade do ajuste que os preços dos ativos vêm sofrendo. No plano geral, o crescimento das economias avançadas tomadas em conjunto também ficará próximo de zero até meados de 2009.

Para a América Latina e o Caribe, os atuais distúrbios na economia mundial representam uma confluência de choques negativos. Esses choques — a retração do mercado de crédito global, o enfraquecimento da demanda externa e a queda nos preços das *commodities* — podem provocar uma forte espiral negativa, especialmente para as condições de financiamento. A aplicação de testes de estresse a um cenário semelhante analisado na edição de abril de 2008 das *Perspectivas Econômicas: As Américas*, previu um quadro de quase-recessão para a América Latina e o Caribe. Mas a região não se encontra nessa situação: nosso cenário central prevê um crescimento de cerca de 3% em 2009, uma taxa próxima à média dos países de mercado emergentes. A expectativa é que a América Latina e o Caribe estejam em melhores condições para enfrentar os atuais choques globais do que se verificou em crises anteriores, o que reflete os progressos alcançados por muitos países da região nos últimos dez anos em fortalecer seus fundamentos macroeconômicos.

Todavia, a região ainda está sujeita a muitos riscos, sobretudo no tocante às perspectivas para os preços das *commodities*. Estes preços continuam elevados, mas a experiência com outros episódios de retração mundial mostra que a possibilidade de novas quedas não deve ser descartada. Não há dúvida de que um recuo nos preços dos alimentos e combustíveis traria um alívio, principalmente para muitos países do Caribe e para os países de baixa renda da América Central importadores de *commodities*. Mas quando se analisa a região como um todo, a alta dos preços das *commodities* foi um dos principais fatores a impulsionar o crescimento e consolidar as finanças públicas e a posição externa nos últimos anos. Outra forte queda teria efeitos bastante adversos sobre as contas fiscais e externas da região. As autoridades seguem em estado de alerta para fazer face aos atuais choques e a esses possíveis riscos.

Em vista desse cenário, a região precisará tratar de diversas prioridades no futuro próximo. Primeiro, é fundamental preservar o funcionamento eficiente e correto dos sistemas financeiros, com a tomada de medidas preventivas para enfrentar os riscos de liquidez e da qualidade dos ativos — o que já vem sendo feito pelas autoridades. Muitos países acumularam um volume significativo de reservas que pode ser utilizado para amortecer choques excepcionais e temporários. Segundo, ainda é imperioso zelar pela preservação dos árduos progressos no controle da inflação. Os bancos centrais terão de manter um canal ágil de comunicação com os mercados sobre os desafios e as medidas de política econômica, principalmente no que se refere à trajetória futura da inflação, para que as expectativas inflacionárias

continuem bem ancoradas. Isso é de especial importância nos países cujo crescimento da demanda interna tem sido muito superior à tendência e cuja inflação se situa acima da meta estabelecida pelo governo. Terceiro, é provável que a posição das finanças públicas sofra pressões num momento em que aumenta a necessidade de manter uma rede de proteção robusta para as famílias de baixa renda que forem afetadas pela contração da economia. Isso exigirá uma estratégia voltada a garantir que gastos fiscais cumpram as funções essenciais de governo sem criar novas necessidades de financiamento.